



No Rio Grande do Norte, facções promoveram o caos nas ruas, ao mandar incendiar ônibus. Policiais ficaram acuados

Barbárie por todo o País

Chacinas nos presídios, explosões a bancos, assaltos a ônibus e traficantes dominando áreas. Mal aparelhada e insatisfeita com as condições de trabalho, a polícia não contém a violência diante de um crime organizado

RENATA COUTINHO

A violência que se acentuou no Brasil nos últimos meses beira a barbárie. As recentes chacinas carcerárias que vitimaram mais de 100 pessoas no Norte e Nordeste, assim como as crises de insegurança nas ruas de estados como o Rio de Janeiro, onde o tráfico domina, e no Espírito Santo, em caos pela greve da Polícia Militar que durou até a sexta-feira passada, são exemplos. Em

RECENTES CHACINAS LEVARAM À MORTE DE MAIS DE 100. NAS RUAS, GREVE DA POLÍCIA E DOMÍNIO DO TRÁFICO SÃO COMUNS

Pernambuco, mais de 450 bancos foram explodidos por grupos fortemente armados desde o ano passado. O problema não parece ter controle. No Estado, quem usa o transporte coletivo vive com

medo. O ano mal começou e os assaltos a ônibus já ultrapassam 450. Os homicídios colocam o Brasil em 9º no ranking dos que mais matam nas Américas. O índice é considerado epidêmico de violência pela Organização Mundial de Saúde: 29 mortes por 100 mil habitantes. São aproximadamente 58 mil assassinatos por ano.

Enquanto as investidas a bancos apontam para assaltantes capacitados e com acesso a armamentos pesados, a polícia, que deveria oferecer segurança à população, tem seu papel reduzido pela falta de valorização profes-

sional, efetivo insuficiente e condições precárias de trabalho. Os policiais estão acuados. “Não temos armas para combater o crime. Estava de plantão com um colega quando recebemos a no-

tícia de que uma quadrilha estava explodindo o banco da cidade. Eles com fuzis e dinamite. Nós com duas pistolas. Não fomos. Chegar lá com o roubo em curso era pedir para morrer”, narrou um PM, que preferiu não se identificar, sobre o clima de medo que o crime organizado tem produzido no Interior do Estado.

No Espírito Santo, onde a PM entrou em greve contra a desvalorização e o sucateamento, 121 homicídios ocorreram em sete dias. Até a última sexta, quando a paralisação findou, 170 veículos tinham sido roubados e diversos saques levaram um prejuízo de R\$ 300 milhões para o comércio. Foram tantos saques que um roubo de saqueadores foi registrado em vídeo. “Todo mundo tentando estocar comida e deixar as portas bem trancadas. Fui barrada num dos maiores supermercados da cidade. Já estava acabando a comida”, contou a analista de T.I. Kamilla Custódio, 23, moradora de um bairro nobre de Vitória.

Sem o preparo e tendo que en-

frentar bandidos bem armados, os policiais se arriscam. E morrem. Foram 267 baixas em 2015 no País. A maioria, 72 deles, no Rio de Janeiro, onde eles sobem os morros para combater o tráfico. Os dados são do último relatório do Fórum Nacional de Segurança Pública, que também aponta a relação desfavorável entre a polícia e o crime: o Brasil tem aproximadamente 543 mil homens nas polícias Civil e Militar. A média é de um PM para cada 473 habitantes. O ideal seria um para 250, de acordo com a ONU.

Enquanto a polícia sofre com o sucateamento e a falta de preparo, os bandidos se profissionalizam e ostentam armas caríssimas. “Há facções que trabalham como o PCC, delimitando quem vai cuidar de qual área. Isso diminui as disputas e os homicídios. Em outros lugares, como Rio de Janeiro, vários grupos conflituam-se entre si e aí mata-se muito”, comentou o doutor em Sociologia e Política pela UFMG, Marcelo Ottoni Durante.

“



ELES COM FUZIS E DINAMITE. NÓS COM DUAS PISTOLAS. NÃO FOMOS PORQUE AQUILO ERA PEDIR PARA MORRER”

■ POLICIAL MILITAR

Tropas federais

Nessa perda de controle dos gestores estaduais de segurança pública sobre a criminalidade, virou regra a solicitação de apoio federal. Em 2015, foram 54 missões da Força Nacional e 56 em 2016. Entre os locais com mais pedidos estão Alagoas, Rio Grande do Norte e Pará. Sem contar o apoio das Forças Armadas acionadas para ações de garantia de lei e ordem (GLO). De 2014 a 2016, tropas já foram enviadas para apoiar a segurança nas ruas 16 vezes.

Em Pernambuco, as Forças Armadas ficaram quase um mês realizando policiamento na Região Metropolitana do Recife após a Po-

lícia Militar entrar em operação padrão por melhorias salariais. Nem mesmo com o Exército nas ruas foi possível conter uma explosão de mortes, assaltos e arrastões em dezembro. Apenas em 2016 foram 4.479 assassinatos em Pernambuco, uma média de 48 mortes para cada 100 mil habitantes. A taxa é quase cinco vezes maior que o limite considerado pela OMS para o surto de violência.

O governador Paulo Câmara admitiu, na última sexta-feira, que a situação está “muito ruim”. Mas argumentou que vem fazendo avanços em prisões. “Estamos tendo dificuldades, que estão sendo combatidas com investigação, com inteligência e ações. Vamos enfrentar

isso e melhorar a situação que hoje é de intranquilidade, de insegurança no nosso Estado”, prometeu.

Presídios

Quando o foco está nos encarcerados, a percepção social é que eles “merecem” sofrer condições de insalubres e de abandono como parte da punição. “Pessoas que ficam presas sem ser julgadas por anos. E quando são julgadas a pena já estaria prescrita faz tempo. É uma desumanidade da execução do processo penal. Parte dessa responsabilidade é do sistema jurídico”, afirmou a coordenadora do Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde da Fiocruz Rio

de Janeiro, Cecília Minayo. Para ela, essas rebeliões nos presídios hoje mostram uma revolta dos detentos contra esse tratamento. Mas também demonstram que, na ausência do Estado, o crime organizado transformou cadeias em fortalezas, criando centrais de comando dentro e fora das grades num contingente de encarcerados com aproximadamente 565 mil e com milhares atuando livremente nas ruas. Durante a rebelião no presídio de Alcaçuz, no mês passado, dezenas de detentos morreram na briga das facções. Mas a violência extrapolou os muros do presídio. Lá de dentro, integrantes das facções davam ordem para ônibus serem incendiados.